

INTERAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS PELAS MÍDIAS DIGITAIS ENQUANTO GÊNEROS DISCURSIVOS SOB A ÓTICA DAS PLATAFORMAS

INTERACTIONS AND MEANINGS PRODUCED BY DIGITAL MEDIA AS DISCURSIVE GENRES
FROM THE PERSPECTIVE OF PLATFORMS

INTERACCIONES Y SENTIDOS QUE PRODUCEN LOS MEDIOS DIGITALES COMO GÉNEROS
DISCURSIVOS DESDE LA PERSPECTIVA DE LAS PLATAFORMAS

INTERACTIONS ET SENS PRODUITS PAR LES MÉDIAS NUMÉRIQUES COMME GENRES
DISCURSIFS DU POINT DE VUE DES PLATEFORMES

Eloisa Fatima Figueiredo Semblano Gonçalves¹
Jader Lúcio da Silva Júnior²
Alexandre Farbiarz³

Manuscrito recebido em: 13 de junho de 2023.

Aprovado em: 25 de novembro de 2023.

Publicado em: 12 de dezembro de 2023.

Resumo

A cultura digital está presente no cotidiano através de dispositivos e redes sociais, impulsionando relações comunicacionais, interações e significações diferenciadas. Na educação, a cultura digital pode contribuir para práticas pedagógicas, rompendo com o modelo tradicional de transmissão de informações. Neste artigo, objetivamos explorar as concepções bakhtinianas sobre os gêneros do discurso para compreender o papel das mídias digitais, em especial das plataformas digitais (GIBBS *et al.*, 2015; SODRÉ; PAIVA, 2018), que abrangem aspectos institucionais, políticos, representativos, éticos, estéticos e tecnológicos. Estas desempenham um papel fundamental na compreensão do cotidiano escolar e na formação dos educandos, indo além das codificações restritas a palavra. Para tanto, perpassamos pelos estudos epistemológicos da comunicação (FRANÇA, 2016; MARTINO, 2016) e pelo conceito de mediação (MARTÍN-BARBERO, 2000), a fim de considerar as mídias digitais como gêneros do discurso (BAKHTIN, 2015 [1979]), ressaltando que estas produzem ambiências comunicacionais que permitem a produção de signos, de elaborações simbólicas e de representações típicas do nosso tempo. Concluímos que as mídias digitais propiciam relações simbólicas diferenciadas, promovem percepções sensoriais diversas e agregam um valor e uma significação diferenciados às relações mediadas por elas. Conclui-se, ainda, que a escola é um espaço cultural inserido no contexto midiático do cotidiano social e que esta deve acompanhar esses processos de produção signíca.

¹ Doutora em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Professora na Rede Municipal de Educação de Niterói. Integrante do Grupo de Pesquisa educ@mídias.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4360-829X> Contato: eloisasemblano@id.uff.br

² Doutorando e Mestre em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Bolsista de doutorado pela CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa educ@mídias.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5961-614X> Contato: jaderljr@gmail.com

³ Doutor em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. Coordenador do Grupo de Pesquisa educ@mídias.com.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2237-7074> Contato: alexandrefarbiarz@id.uff.br

Palavras-chave: Educação; Linguagens; Gêneros do discurso; Plataformas; Mídias digitais.

Abstract

Digital culture permeates everyday life through devices and social networks, propelling communicative relationships, interactions, and diverse meanings. In education, digital culture can contribute to pedagogical practices by breaking away from the traditional model of information transmission. This article aims to explore Bakhtinian conceptions of speech genres to comprehend the role of digital media, particularly digital platforms (GIBBS et al., 2015; SODRÉ; PAIVA, 2018), encompassing institutional, political, representative, ethical, aesthetic, and technological aspects. These platforms play a crucial role in understanding everyday school life and the formation of learners, extending beyond narrow word-based codifications. To achieve this, we traverse epistemological studies of communication (FRANÇA, 2016; Martino, 2016) and the concept of mediation (MARTÍN-BARBERO, 2000), considering digital media as speech genres (BAKHTIN, 2015 [1979]). We emphasize that these genres create communicative environments allowing the production of signs, symbolic elaborations, and representations typical of our time. We conclude that digital media facilitate distinct symbolic relationships, promote varied sensory perceptions, and add differentiated value and meaning to the relationships mediated by them. Additionally, we assert that the school is a cultural space embedded in the everyday social media context, and it should keep pace with these processes of sign production.

Keywords: Education; Languages; Speech genres; Platforms; Digital Media.

Resumen

La cultura digital está presente en la vida cotidiana a través de dispositivos y redes sociales, impulsando relaciones comunicativas, interacciones y significados diferenciados. En la educación, la cultura digital puede contribuir a prácticas pedagógicas, rompiendo con el modelo tradicional de transmisión de información. En este artículo, nuestro objetivo es explorar las concepciones bakhtinianas sobre los géneros del discurso para comprender el papel de los medios digitales, especialmente de las plataformas digitales (GIBBS et al., 2015; SODRÉ; PAIVA, 2018), que abarcan aspectos institucionales, políticos, representativos, éticos, estéticos y tecnológicos. Estos desempeñan un papel fundamental en la comprensión de la vida escolar cotidiana y en la formación de los estudiantes, yendo más allá de las codificaciones restringidas a la palabra. Para ello, atravesamos estudios epistemológicos de la comunicación (FRANÇA, 2016; MARTINO, 2016) y el concepto de mediación (MARTÍN-BARBERO, 2000), con el fin de considerar a los medios digitales como géneros del discurso (BAKHTIN, 2015 [1979]), enfatizando que crean entornos comunicativos que permiten la producción de signos, elaboraciones simbólicas y representaciones típicas de nuestro tiempo. Concluimos que los medios digitales proporcionan relaciones simbólicas diferenciadas, promueven diversas percepciones sensoriales y añaden valor y significado diferentes a las relaciones mediadas por ellos. También concluimos que la escuela es un espacio cultural inserto en el contexto mediático de la vida cotidiana social y que debe seguir el ritmo de estos procesos de producción de signos.

Palabras clave: Educación; Lenguajes; Géneros del discurso; Plataformas; Medios digitales.

Résumé

La culture numérique est présente au quotidien à travers les dispositifs et les réseaux sociaux, stimulant des relations communicationnelles, des interactions et des significations différenciées. Dans le domaine de l'éducation, la culture numérique peut contribuer aux pratiques pédagogiques, rompant avec le modèle traditionnel de transmission de l'information. Dans cet article, notre objectif est d'explorer les conceptions bakhtiniennes des genres du discours pour comprendre le rôle des médias numériques, en particulier des plates-formes numériques (GIBBS et al., 2015; SODRÉ; PAIVA, 2018), couvrant des aspects institutionnels, politiques, représentatifs, éthiques, esthétiques et technologiques. Ces éléments jouent un rôle fondamental dans la compréhension de la vie quotidienne à l'école et dans la formation des étudiants, allant au-delà des encodages restreints aux mots. Pour ce faire, nous parcourons les études épistémologiques de la communication (FRANÇA, 2016; MARTINO, 2016) et le concept de médiation (MARTÍN-BARBERO, 2000), afin de considérer les médias numériques comme des genres du discours (BAKHTIN, 2015 [1979]), en soulignant qu'ils créent des environnements communicationnels permettant la production de signes, d'élaborations symboliques et de représentations typiques de notre époque. Nous concluons que les médias numériques fournissent des relations symboliques différenciées, favorisent des perceptions sensorielles diverses et ajoutent une valeur et une signification différentes aux relations médiatisées par eux. Nous concluons également que l'école est un espace culturel inséré dans le contexte médiatique de la vie quotidienne sociale et qu'elle doit suivre le rythme de ces processus de production de signes.

Mots-clés: Éducation; Langages; Genres du discours; Plates-formes; Médias numériques.

Introdução

A sociedade contemporânea vem passando por transformações profundas e aceleradas, impulsionadas pelo avanço tecnológico e pela crescente digitalização das interações humanas. Nesse contexto, as relações comunicacionais desempenham um papel central na forma como as pessoas se conectam, compartilham informações e constroem significados.

A comunicação é um fenômeno complexo, interativo e participativo, no qual os sujeitos se engajam em um diálogo constante. Para Freire (2020 [1996]), a educação libertadora é aquela que valoriza a construção de conhecimentos pelos educandos, por meio da investigação e pesquisa, rompendo com o modelo tradicional de transmissão de informações. Já Vera França (2016b), ao olhar para a Epistemologia da Comunicação, enfatiza a importância de compreendermos não apenas o que é a comunicação, mas também como ela é estudada, destacando a força do relacional e do sensível na construção de uma abordagem metodológica. Ambos os autores destacam o diálogo como uma ferramenta essencial para a compreensão, explicação e transformação da realidade.

Partindo desse olhar epistemológico, objetivamos nesse artigo explorar o papel dos estudos de Bakhtin (2015 [1979]) sobre os gêneros discursivos, lidos pela ótica das mídias digitais atuais. A perspectiva bakhtiniana considera-os como esferas de uso da linguagem verbal e da comunicação, indo além das codificações restritas à palavra escrita. A diversidade social de tipos de linguagens é reconhecida, especialmente no contexto contemporâneo marcado pela mídiatização e pela presença das mídias digitais.

Nesse sentido, as mídias digitais são compreendidas não apenas como meios de comunicação de massa, mas como gêneros discursivos próprios, capazes de influenciar a cultura e a sociedade. A lógica das mídias e os Estudos de Plataforma, que abrangem aspectos institucionais, políticos, representativos, éticos, estéticos e tecnológicos, passam a desempenhar um papel fundamental na compreensão do cotidiano escolar e na formação dos educandos.

Ao explorar essas temáticas, buscamos compreender as transformações estruturais ocorridas na sociedade em decorrência da mídiatização e refletir sobre a importância de considerarmos as mídias digitais como gêneros discursivos, representadas pelas plataformas sociais, no contexto educacional.

A comunicação sob a ótica do princípio dialógico

A comunicação [...] implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. Por isto, não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: cognoscitiva e comunicativa. [...] Na comunicação não há sujeitos passivos. Os sujeitos cointencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo.

Paulo Freire

Como afirma Paulo Freire (2020 [1996], p. 24; grifo do autor), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Uma educação libertadora é aquela que pretende uma aprendizagem significativa, na qual os educandos aprendam a construir seus conhecimentos investigando, pesquisando e, por que não dizer, comunicando. A educação libertadora preconizada por Freire rompe com o modelo vertical característico da ‘educação bancária’ e implica em um educador que reconheça os educandos não como uma ‘caixa vazia’, na qual deposita seus conhecimentos, mas que valoriza a realidade sociocultural destes, promovendo uma aprendizagem significativa. E, para o autor, o diálogo é o caminho pelo qual os homens ganham significação:

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese [...], é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 2020 [1969], p. 65).

Pensando em consonância com o autor, não podemos compreender o homem senão em sua natureza comunicativa. Daí a importância dos processos comunicacionais em educação.

França (2016b, p. 213) olha criticamente para o campo de estudos da Comunicação, sinalizando o desafio em compreendê-lo não apenas buscando formas de “[...] estudar o que é a comunicação, mas também de compreender como ela é estudada, e identificar as incidências que diferentes teorizações produzem na apreensão desse objeto de estudo”. Tendo sido orientada em seu processo de doutoramento por Michel Maffesoli, França (2016b, p. 215) ousou desvencilhar-se da “rigidez da teoria crítica”, passando a refletir sobre “[...] a força do relacional e do sensível como elementos centrais na construção da abordagem metodológica” dos estudos em Comunicação, tendo os estudos do sociólogo como chave para esta compreensão:

[...] pude perceber o processo comunicativo como uma espiral de afetações, sujeitos e objetos fazendo parte de um mundo relacional, inseridos em formas formantes. Sua sociologia do cotidiano me reconduziu a pensar na comunicação enquanto dinâmica de laços, encontros, conflitos; a reencontrá-la na copresença de sujeitos e coisas; a ir buscá-la nas pequenas situações do dia a dia, num cruzamento permanente entre a experiência cotidiana dos sujeitos e o trabalho da mídia. (FRANÇA, 2016b, p. 215)

França distancia-se do paradigma informacional da Comunicação e estabelece, por conseguinte, uma contraposição entre o modelo transmissivo e o modelo dialógico⁴, indicando que este último “[...] mais do que uma ferramenta analítica, expressava uma bandeira política: o desejo de uma nova comunicação” (FRANÇA, 2016b, p. 217). É a partir desta crítica de natureza epistemológica, e entendendo a dinâmica comunicacional inscrita no fenômeno, que a autora forja o conceito de interações comunicativas, ou modelo relacional da comunicação, perspectiva que passa a orientar seus trabalhos. Diante deste paradigma⁵, retoma inquietações com relação à compreensão do fenômeno

⁴ A autora se fundamenta na matriz dialógica de Paulo Freire e, conseqüentemente, no princípio dialógico bakhtiniano, o que nos aproxima ainda mais de suas reflexões, considerando-as fundamentais para o estudo.

⁵ “[...] quando falamos de paradigma da comunicação, não estamos nos referindo propriamente às teorias acionadas, mas ao esquema cognitivo que nos conduz e nos instrui a ver uma coisa e não outra” (França, 2002, n.p.).

comunicacional na sua “[...] dimensão de globalidade, e no cruzamento de três vértices – sujeitos, linguagem (ou discurso), contexto sócio-histórico” (FRANÇA, 2016b, p. 218), compreendendo o conceito de comunicação para além da transmissão e da recepção:

Quando se conceitua a comunicação como um processo de transmissão de informação de um emissor e um receptor, esse ‘enquadramento’ aparentemente óbvio e inocente direciona a análise para captar uma divisão fixa de papéis, ordenados numa dinâmica linear, negligenciando o agenciamento humano, a natureza simbólica da linguagem, a reflexividade e recursividade do processo. (FRANÇA, 2016a, p. 158)

Sociabilidade e linguagem passaram a reger os trabalhos de França, tendo o modelo relacional, que aborda a comunicação enquanto interação, se tornado o ponto de partida das pesquisas empreendidas em seu grupo de estudos. Assim como a autora sinaliza que, de forma sintética, as relações a atraem mais do que os produtos, podemos dizer que mais do que a materialidade tecnológica, é sobre as relações comunicacionais que nos interessa refletir.

Luiz C. Martino (2016) é outro autor que contribui de maneira significativa no que diz respeito à tecnologia dos meios de comunicação. O autor destaca três pontos em planos distintos que formulam sua base de estudos: no *Plano da Epistemologia*, no *Plano da Tecnologia* e no *Plano Social*.

No *Plano da Epistemologia*, Martino (2016, p. 165) analisa a “[...] insuficiência das principais tradições de pesquisa em relação à abordagem dos meios de comunicação”, já que as pesquisas se dedicavam à audiência ou à investigação da ideologia dos meios⁶, e propõe o meio de comunicação como um objeto técnico e a comunicação como produto desse meio e como “expressão social da experiência” (MARTINO, 2016, p. 165). No entanto, a principal contribuição do autor neste plano é a compreensão de que “[...] a tecnologia intervém nos processos de comunicação social no século XIX, gerando uma esfera de experiência coletiva, que ultrapassa o plano interpessoal, constituindo um elo social singular” (MARTINO, 2016, p. 165), desenvolvendo um conceito de comunicação em uma perspectiva histórica nunca antes vista.

⁶ Segundo o próprio autor, a *Communication Research* pesquisava a audiência e a Escola de Frankfurt preocupava-se com a investigação da ideologia.

Em relação ao *Plano da Tecnologia*, Martino aborda um paradigma baseado na “reatividade humana”, que aponta os meios de comunicação na perspectiva de sua significação na atual sociedade, conferindo a estes um status não apenas tecnológico, mas relacionando-os às capacidades mentais do homem:

Os meios estendem as capacidades mentais, conferem-lhes novas propriedades, como a possibilidade de participação de uma grande quantidade de indivíduos no mesmo processo ou de comunicar com gerações anteriores. Atingem diretamente as condições de espaço e tempo da mente humana. Este paradigma proporciona uma definição de meio de comunicação que permite aprofundar a análise da tecnologia e o novo sentido de comunicação, fornecendo um quadro conceitual para abordar a significação dos meios na sociedade e na cultura contemporânea. Outro ponto a se destacar é que, nesta perspectiva, o meio de comunicação não é um aparato tecnológico específico, mas uma relação com a mente. (MARTINO, 2016, p. 167)

É o que Martino (2016, p. 166) chama de “*simulação tecnológica da consciência (mente humana)*”. O autor toma o homem como um ser reativo, sinalizando que, quando nos comunicamos, nossa atenção está sendo negociada, guiada pelo diálogo. Neste processo de comunicação, objetos mentais são compartilhados e é onde se cria um “algo em comum” entre os indivíduos, a intersubjetividade. A perspectiva de homem reativo também se afasta dos paradigmas da transmissão e da construção social e permite, assim, entendermos as intervenções da tecnologia nos processos de comunicação moderna.

No *Plano Social*, Martino busca a relação dos meios com os aspectos sociais de seu tempo, identificando três momentos temporais como exemplificação: a comunidade primitiva, onde não havia meios de comunicação propriamente ditos; a sociedade tradicional, com o surgimento da tecnologia da escrita; e a sociedade complexa, na qual ele identifica “[...] que os meios de comunicação alcançam seu sentido pleno, como tecnologia do simbólico e intrinsecamente ligados à organização social” (MARTINO, 2016, p. 168). Neste íterim, já não basta ao pesquisador compreender os meios relacionando-os à capacidade mental do homem, mas também ao aspecto afetivo e ao seu interesse pelas tecnologias e pela comunicação mediática⁷. Como o próprio Martino (2016, p. 168) afirma, “[...] uma forma de reencantamento do mundo na qual a tecnologia tem seu lugar”. Os processos de comunicação tecnológica emergem como matriz social e, em uma

⁷ O autor faz opção pelo termo “mediático” ao invés de “midiático”.

perspectiva comunicacional, diferentemente da perspectiva sociológica, têm base na informação e na gestão do tempo, surgindo “[...] como linguagem, expressão mediática, como instância da visibilidade tecnologicamente construída” (MARTINO, 2016, p. 169).

A tecnologia é “[...] sem dúvida a característica mais marcante da comunicação moderna” (MARTINO, 2016, p. 175). Sendo assim, o autor pensa a epistemologia da Comunicação “[...] destacando a historicidade do objeto de estudo, e em particular, os processos de comunicação tecnológicos como centrais” (MARTINO, 2016, p. 175), entendendo o tipo de conhecimento que os meios de comunicação geram e como eles representam a sociedade através do simbólico, permitindo ao indivíduo moderno se inserir e atuar na cultura contemporânea sendo capaz de refletir criticamente sobre esses meios.

Compreendendo a comunicação sob a ótica do princípio dialógico a partir das contribuições de Freire (2020 [1996]), França (2016b) e Martino (2016), nos aproximamos da discussão principal deste artigo que são as concepções bakhtinianas acerca dos gêneros do discurso.

Mídias digitais como gêneros discursivos

Os estudos de Bakhtin sobre os gêneros suscitaram uma mudança nas concepções de gênero estudadas pela Poética e pela Retórica, bem como pelos estudos literários, como ressalta Machado (2014). A partir dos estudos bakhtinianos, “[...] gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra” (MACHADO, 2014, p. 152), distanciando os gêneros discursivos da teoria clássica e conferindo a estes uma manifestação de pluralidade, dando lugar às “manifestações discursivas da heteroglossia” (MACHADO, 2014, p. 152), não restringindo as codificações à palavra escrita, mas entendendo a diversidade social de tipos de linguagens. É neste contexto de abertura conceitual que Machado (2014, p. 152) aponta ser possível

[...] considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja ela processada pelos meios de comunicação de massa ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem.

Considerar as mídias digitais no âmbito escolar demanda a compreensão de um educando sujeito de uma sociedade em midiatização⁸ e ainda das transformações que esse processo de midiatização promove na lógica da sociedade, ao que Hjarvard (2015, p. 54) chama de “lógica da mídia”.

Por uma “lógica da mídia”, não nos referimos a uma lógica única ou unificada comum a todos os formatos de mídia; a lógica da mídia representa, aqui, uma simplificação conceitual do *modus operandi* institucional, estético e tecnológico da mídia, incluindo-se aí as formas pelas quais a mídia distribui recursos materiais e simbólicos assim como opera com a ajuda de regras formais e informais.

Hjarvard (2015, p. 52) sinaliza que “[...] os primeiros estudos em midiatização interessavam-se pelo papel das mídias de massa e seu controle sobre os recursos comunicativos”. Entretanto, com a disseminação do acesso propiciado pela Internet, os estudos passaram a considerar as funções sociais da mídia para além de sua capacidade técnica, deixando de focar nos tipos particulares de mídia e visando “[...] compreender como as novas mídias podem influenciar a cultura e a sociedade” (HJARVARD, 2015, p. 52). Neste âmbito, Hjarvard nos oferece aporte para compreender os educandos da escola contemporânea e a “lógica das mídias” que os constitui.

De acordo com o autor, a midiatização tem foco nas transformações estruturais ocorridas na sociedade.

Mais especificamente, utilizamos o termo “midiatização” para denotar a importância intensa e transformadora da mídia na cultura e na sociedade. Por midiatização da cultura e da sociedade, nos referimos aos processos por meio dos quais cultura e sociedade tornam-se cada vez mais dependentes das mídias e seus *modus operandi*, ou lógica da mídia. (HJARVARD, 2015, p. 53)

Pensar o cotidiano das escolas demanda compreendê-lo como parte de uma sociedade em processo de midiatização e como esse *modus operandi* das mídias exerce um papel importante em seu funcionamento. Em *A Midiatização da cultura e da sociedade*, Hjarvard (2014) analisa o processo de midiatização em relação a instituições sociais como a política, a religião, a brincadeira e o *habitus*. Neste mesmo viés, é possível pensar em uma

⁸ Stig Hjarvard (2015) trata das transformações que a mídia acarreta na cultura e na sociedade, processo ao qual ele denomina “midiatização” e que se refere não apenas às mídias, mas às mudanças sociais e culturais que ocorrem sob a lógica da mídia.

análise do processo de midiáticação com referência à escola, tendo em vista que Hjarvard afirma ser necessário que as instituições da sociedade se preocupem em sua organização com a lógica das mídias que permeia o cotidiano.

Os jovens educandos que estão na escola contemporânea transitam por novos espaços mediados por mídias digitais, que permitem novas formas de pensar e agir no mundo. As práticas cotidianas destes sujeitos da contemporaneidade, potencializadas pela cibercultura, remetem à multiplicidade de linguagens e ao “[...] universo oceânico de informações que a internet abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo com suas histórias, seus rastros e suas itinerâncias” (SANTOS; SANTOS, 2013, p. 52). De acordo com Santos, Maddalena e Rossini (2016, p. 93),

A linguagem que surge na cibercultura – hipermídia – a partir da convergência das matrizes sonora, visual e verbal tem como características a plasticidade e a hipertextualidade [...] A multidimensionalidade propiciada pela interligação de computadores em rede permite que percursos sejam construídos de acordo com a necessidade a partir de fragmentos de textos que podem ser associados dinamicamente (hipertexto).

Esta nova forma de mediação comunicativa multiforme promove novos espaços discursivos e novos tipos de enunciados, constituindo, assim, as mídias digitais como gêneros discursivos para esses sujeitos que transitam por tais espaços virtuais. Nestes espaços, os sujeitos produzem sentidos e constroem suas subjetividades em um processo de interação social, que podemos destacar como um movimento mediado e constituído por uma linguagem especial e adaptada ao meio eletrônico. Tornam-se, portanto, espaços sociais e semióticos ao mesmo tempo.

Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; e a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. (BAKHTIN, 2015 [1979], p. 266)

Para Bakhtin (2015 [1979], p. 268), os gêneros discursivos são uma forma de agir, são desenvolvidos histórica, social e culturalmente e “[...] refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social”. Sendo assim, como não discutir as mídias digitais como gêneros discursivos e como não tratar destes gêneros na escola?

As plataformas e os gêneros discursivos cotidianos

Pensar as redes sociais no cenário midiático atual necessita localizar a refinada articulação entre as esferas políticas, técnicas, econômicas e sociais que as constituem e imbricam nos Estudos de Plataforma (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018). Os autores propõem que as plataformas atuais agem sobre a sociedade, reorganizando as relações interpessoais, os processos ligados ao consumo de bens e serviços, práticas de ocupação urbana e até mesmo as formas de participação políticas e cidadãos na sociedade hodierna.

Carlos d'Andréa (2020, p. 14) aponta que os Estudos de Plataforma representam uma virada crítica nos estudos da cibercultura. O autor define, com base nos conceitos de Van Dijck, Poell e Wall (2018), que as mídias sociais são tipos de plataformas online, constituídas na adoção de arquitetura computacional baseada na conectividade e intercâmbio de dados e partindo de modelos algoritmos centralizados.

Neste contexto, destacamos o importante papel das plataformas na formação dos indivíduos e nas formas de socialização, considerando as interferências geradas por seus mecanismos em nossa vida cotidiana. Para compreendermos esse fenômeno, é necessário discutirmos os processos de midiaticização do cotidiano, plataformização, interação e produção de significados. Dessa forma, contextualizamos o papel das plataformas, considerando as mudanças provocadas em seu desenvolvimento contínuo e sua influência na vida cotidiana dos usuários. Isso implica em uma reinterpretação do uso das ferramentas, moldando a maneira como os usuários se percebem e constroem significados.

Ao refletirmos sobre o uso das plataformas, um dos requisitos é reconhecê-las como ferramentas transformadoras do cotidiano. Então, uma rede social deve ser problematizada para além de um aplicativo ou um site de relacionamentos, uma vez que desempenha um papel de extrema importância na produção de significados, na construção de identidades e até mesmo na nossa compreensão da sociedade e na maneira como nos apresentamos ao mundo. Leaver, Highfield e Abidin (2020) apontam o Instagram enquanto canal de comunicação, por exemplo, como um ícone para estudar a cultura visual na

sociedade. Além disso, o impacto do Instagram redesenha estruturas. De acordo com os autores, a plataforma influencia até mesmo a forma como o mundo material adapta suas culturas, práticas e espaços físicos a fim de se aproximarem do Instagram⁹, enfatizando sua importância na construção dos significados compartilhados entre os usuários.

Essas possibilidades de interação oferecidas pela mídia desempenharam um papel importante na estrutura da comunicação. Martín-Barbero (2000) discute esse aspecto ao trazer a mediação como um construto das relações sociais manifestadas em cada interação e os significados compartilhados pelos usuários de uma determinada tecnologia comunicativa. Para ele, a relação com as novas tecnologias representava a primeira manifestação e materialização de um determinado sistema comunicativo. Martín-Barbero (2000, p. 59) afirma que essa relação com as tecnologias traz “[...] sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os mais jovens. Eles têm maior empatia cognitiva e expressiva com as tecnologias e com os novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o próximo e o distante”. Sendo assim, os jovens carregam e materializam essas produções de sentido para o ambiente escolar, por serem os sujeitos ativos afetados a primazia pelas novas possibilidades comunicativas introduzidas pelas plataformas. Apontamos a leitura de Freire, feita por Sodré e Paiva (2018, p. 20-21), ao colocarem que

[...] o pedagogo Paulo Freire que, mesmo não sendo especificamente um analista de mídia, assinalava a centralidade dos processos comunicativos na produção do saber. Comunicação era, para ele, a “co-participação dos sujeitos no ato de pensar”, implicando um diálogo ou uma reciprocidade que não pode ser rompida. Contato e afeto eram, a seu modo de ver, categorias centrais para a compreensão do agir comunicativo [...].

Para Farias, Maia e Oliveira (2019), “Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em quaisquer atividades. [...] podemos assim compreender como uma energia necessária para que a estrutura cognitiva venha a operar na sua plenitude”. Assim, os autores defendem que a afetividade é fundamental, tanto para a aprendizagem quanto como impulsionadora das transformações sociais.

⁹ Chamada popularmente de Instagramatização, onde a construção estética da imagem física é significada para ser enquadrada e capturada sob a forma de postagem na rede social.

Observamos que o afeto mencionado é construído por meio da interação entre os agentes que coparticipam da construção da linguagem estética presente nas mídias digitais. Nas plataformas, a maneira como a informação é transmitida adquire significado, conforme afirmado por Sodré e Paiva (2018), ao argumentarem que o conteúdo é equivalente à forma tecnológica e não se vincula ou transporta sentido de uma matriz externa, uma vez que a forma em si já é essa matriz. Portanto, o conteúdo dessas mídias representa uma forma de codificação hegemônica que intervém culturalmente na vida social, dentro de um novo mundo sensível criado pela reprodução imaterial das coisas, pela separação entre forma e matéria (SODRÉ; PAIVA, 2018, p. 19). A cultura, nesse sentido, é definida substancialmente por meio de signos de envolvimento sensorial, em contraste com a forma tradicional que privilegiava a palavra escrita.

Gibbs *et al.* (2015) apontam que muitas das práticas decorrentes do uso de uma plataforma são delimitadas por suas pregnâncias, que são as particularidades dos modos de expressão e ação em uma determinada rede, resultando em diferentes formas de participação social. Essas pregnâncias são categorizadas como uma espécie única de combinação de estilos, gramáticas e lógicas que constituem o que os autores chamam de vernáculo da plataforma.

O vernáculo de uma plataforma, de acordo com Leaver, Highfield e Abidin (2020), é um gênero de comunicação moldado pelas práticas mediadas e pelos hábitos dos usuários de uma determinada rede. Logo, consideramos que essas unidades estéticas também podem ser entendidas como gêneros do discurso, que expressam vozes múltiplas e construções polifônicas dos sujeitos e dos valores sociais dos meios nos quais estão interagindo. Portanto, cada plataforma constitui um gênero discursivo construído dialeticamente na interação dos usuários. As ferramentas são concebidas pela equipe de desenvolvimento de uma plataforma, mas seu uso específico não limita a criação de práticas ou gêneros do discurso que alteram a capacidade técnica e comunicativa para a qual foram criadas. Barros (2016) contribui ao apontar, no conceito de mediação, que além da intencionalidade comunicativa que de certa forma democratiza a comunicação, ela também abre possibilidades de interpretação com as quais o receptor precisa lidar ao se apropriar dos discursos midiáticos em sua ação social.

Van Dijck (2013) trabalha essa ideia pela base teórica Ator-Rede, onde o social não é algo dado, mas é construído pela interação entre os atores, humanos ou algoritmos. Dessa maneira, o autor defende que estudar as mediações e intermediações que acontecem em uma plataforma é importante para explicar as relações sociais. Os pontos particulares de cada plataforma se integram de forma dialética e polifônica. As plataformas combinadas constituem um grande “ecossistema de mídias conectivas” que nutre e é alimentado pelas normas sociais e culturais, evoluindo simultaneamente no mundo cotidiano. Além disso, o autor aponta a necessidade de pensarmos as relações de força presentes nas dinâmicas entre os autores que agem e interagem.

Ao incorporar as ideias de Michel de Certeau (2014), essas ações são consideradas práticas específicas da vida cotidiana que frequentemente se manifestam como “táticas”, entendidas como artes de agir pelos atores sociais, de maneira dialética, envolvidos em um mundo social. As táticas são ações práticas realizadas pelas pessoas no cotidiano, mas que possuem um poder transformador na sociedade, manifestando-se por meio de tomadas de decisão, atos e formas de aproveitar uma oportunidade. Para Certeau, o cotidiano emerge das relações no mundo diário, portanto, não basta apenas saber o que os sujeitos fazem, mas é necessário também compreender por que eles o fazem e quais são as consequências dessas ações para o indivíduo. No caso específico do uso das mídias digitais, essas ações se configuram como uma forma de apropriação do espaço social, uma prática que não é inerte, mas ativa e dialética.

Apontamos em Ribeiro (2021, p. 143), que “[...] trabalhar com as práticas sociais cotidianas implica lançar um olhar sobre a relação dos indivíduos com os meios onde são/estão engendrados [...]”. Então, temos na linguagem vernacular e nas mediações, formas únicas de participação social. Dessarte, é necessário pensar o protagonismo do aluno que participa do contato pedagógico munido de suas próprias experiências e saberes e não deve ser percebido como sujeito passivo, como afirma Alves (2021, p. 148): “Nas suas dinâmicas pessoais, os indivíduos trazem para o espaço educativo modos de se relacionar com as mídias que criam representações e se repercutem nos processos de ensino-aprendizagem, nas interações ocorridas no contexto escolar”. É fundamental não se limitar à mera constatação do uso das plataformas como gêneros discursivos, mas sim estabelecer uma articulação entre essa participação e os eventos cotidianos dentro de um contexto

histórico-social mais amplo. E, com isso, compreender a transformação de significados provocada por essa forma específica de agir, que tem impacto direto na estrutura do cotidiano escolar.

Considerações em diálogo

Ao definir o homem como ‘corpo consciente’, Freire (2020 [1969]) indica um homem em constante movimento, que se posiciona frente ao mundo, observando sua individualidade, mas com vistas à construção coletiva. Então, apontamos a necessidade de perceber o homem como um sujeito completo, produtor de sentidos que não se distancia em uma natureza de objeto. Esse papel de sujeito se relaciona com o mundo mediado pelos objetos e técnicas que lhe são comuns e deles produzem sentido. Uma visão dicotomizada entre subjetivismo e objetivismo nega esse homem que transforma o mundo e sofre os efeitos dessas ações. Assim, sendo a escola um espaço-tempo de vivências cotidianas, onde educadores e educandos estão em constante processo de interação, de interlocução e de intercomunicação, compreendemos que objetividade e subjetividade coexistem nela.

Ao refletir metodologicamente sobre a comunicação, pelo princípio dialógico, apontamos os processos comunicacionais como elementos perpassados pela cultura, que vão agir diretamente na constituição dos sujeitos sociais. A escola, como um espaço cultural inserido no contexto midiático do cotidiano social, deve acompanhar esses processos de produção sócio-cultural. Sendo assim, compreendemos que uma sala de aula voltada para as relações cotidianas com as mídias digitais pode oferecer contribuições mais efetivas para os educandos do que uma sala de aula que desconsidere a presença das mídias digitais no mundo.

Nas concepções de mediação delineadas neste estudo, as mídias digitais não são entendidas sob uma visão antropocêntrica da técnica, mas como um instrumento mediador nas relações humanas. Um modo de compreensão que ultrapassa a dimensão instrumental dos meios, incidindo na percepção do mundo e nos modos de comunicar de forma diferenciada, fazendo surgir novos modos de percepção, de linguagem e de sensibilidades. Cada forma de manuseio de tecnologias diversas promove uma percepção sensorial diferente, nos levando ao entendimento de que cada mídia digital agrega um valor e uma significação diferenciados às relações mediadas por ela.

Defendemos que as mídias sociais são gêneros discursivos, formas interativas distintas de produção enunciativa, com sua lógica própria e produção polifônica de significado, tendo a língua como base. Então, quando participamos ativamente dos processos educacionais mediados pelas mídias como gêneros discursivos próprios, estamos contribuindo como partícipes de uma relação discursiva que dialogicamente vai produzir sentido. Não se trata então de uma transmissão de informação, mas de dotar o educando da capacidade de assumir uma postura ativa e emancipatória no processo educacional.

Ao explorarmos a interseção entre linguagem, comunicação e mídias digitais pelo pensamento bakhtiniano, moldamos nossa compreensão dialógica das interações sociais contemporâneas em uma sociedade perpassada pelas plataformas. A ideia fundamental de que os objetos adquirem significado como signos dentro da esfera social destaca a intrínseca ligação entre valor social e ideologia. A compreensão de que os signos surgem da interação entre consciências individuais destaca a centralidade da comunicação como fenômeno ideológico. A consciência, segundo essa perspectiva, torna-se consciente ao se impregnar de conteúdo ideológico no contexto das interações sociais, ressaltando a importância do terreno interindividual na constituição dos sujeitos.

As mídias digitais, no caso deste estudo, vistas sob a ótica das plataformas digitais, já incorporadas às dinâmicas de vida dos sujeitos da atualidade, produzem ambiências comunicacionais que permitem a produção de signos, de elaborações simbólicas e de representações típicas do nosso tempo.

Neste âmbito, é possível constatar termos signos típicos da cultura digital, que emergem nas interações mediadas pelas mídias digitais nas salas de aula e contribuem para a produção de sentidos nas vivências sociais de educadores e educandos dentro e fora da escola. É no campo do signo ideológico que podemos entender que os enunciados ultrapassam o limite da palavra e se constituem no todo da interação, correlacionando as circunstâncias da enunciação, o contexto histórico-social e os sujeitos sociais participantes do discurso.

Assim, podemos compreender que as mídias digitais propiciam relações simbólicas diferenciadas e o surgimento de novos ambientes socioculturais, promovem percepções sensoriais diversas e agregam valor e significação diferenciados às relações mediadas por elas.

Referências

- ALVES, W. B. Tecnologias, representações e percursos midiáticos no cotidiano escolar. In: FARBIARZ, A.; CLEMENTE, F.; SALDANHA, P.; BERTOL, R. (org.). **Mídia e Cotidiano: novos diálogos e investigações**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021. p. 146–167. Disponível em: <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/site/wp-content/uploads/2022/06/Mídia-e-Cotidiano-novos-diálogos-e-investigações.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- ANDRÉA, C. d'. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: Edufba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32043>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2015 [1979].
- BARROS, L. M. Os meios ou as mediações? Um exercício dialético na delimitação do objeto de estudo da comunicação. **LÍBERO**, n.23, p.85–94, 2016. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/530/504>. Acesso em: 13 maio 2023
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- FARIAS, Á. L. P.; MAIA, D. F.; OLIVEIRA, M. A. T. Lúdico e a afetividade no processo de ensino aprendizagem. **Cenas Educacionais**, v.2, n.2, p.25–41, 2019.
- FRANÇA, V. V. Paradigmas da comunicação. In.: MOTTA, L. G.; PAIVA, R.; WEBER, M. H.; FRANÇA, V. (org.). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: UNB, 2002.
- FRANÇA, V. V. O objeto de pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In.: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016a. cap. 2. p. 153-174. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Pdf/978-85-397-0803-1.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- FRANÇA, V. V. Partilhando experiências: atração e o desafio da comunicação. In.: LOPES, M. I. V. (org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016b. p. 209-224.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 22 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020 [1969].
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2020 [1996].
- GATTI, B. A. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v.28, n.1, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpaee/article/view/36066>. Acesso em: 10 jun. 2023.

GIBBS, M. et al. #Funeral and Instagram: death, social media, and platform vernacular. **Information, Communication & Society**, v.18, n.3, p.255-268, 2015. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/1369118X.2014.987152>. Acesso em: 10 maio 2023

HJARVARD, S. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

HJARVARD, S. Da mediação à midiatização: A institucionalização das novas mídias. **Revista Parágrafo**, v.3, n.2, p.51-62, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/331>. Acesso em: 2 maio 2023.

LEAVER, T.; HIGHFIELD, T.; ABIDIN, C. **Instagram**. Cambridge: Polity Press, 2020.

MACHADO, I. Digitalização. Linguagem. Discurso. As mediações dialógicas possíveis. **Lumina**, v.4, n.2, p.19-48, 2001. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R8-Irene-Machado-HP.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In.: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 151-166.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997 [1987].

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, n.18, p.51-61, 2000.

MARTINO, L. C. Epistemologia da Comunicação: um percurso intelectual. In.: LOPES, M. I. V. (org.). **Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. São Paulo: ECA-USP, 2016. p. 159-184.

RIBEIRO, R. R. Narrativas e afetos do cotidiano midiatizado: mídia, imaginário e produção de sentidos na sociedade contemporânea. In.: FARBIARZ, A.; et al. (org.). **Mídia e Cotidiano: novos diálogos e investigações**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021. p.130-145.

SANTOS, E. O.; SANTOS, R. A tessitura do conhecimento via mídias e redes sociais da internet: notas de uma pesquisa – formação multirreferencial em um curso de especialização. **Educação em Foco**, v.18, n.1, p.43-69, 2013.

SANTOS, E. O.; MADDALENA, T. L.; ROSSINI, T. S. S. Diário hipertextual on-line de pesquisa: uma experiência com o aplicativo Evernote. In.: COUTO, E.; PORTO, C.; SANTOS, E. (org.). **App-learning: experiências de pesquisa e formação**. Salvador: Eudfba, 2016. cap. 5, p. 93-108.

SODRÉ, M.; PAIVA, R. **As Estratégias Sensíveis**. Afeto, Mídia e Política. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WALL, M. **The Platform Society: public values in a connective world**. London: Oxford Press, 2018.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity**. New York: Oxford Press, 2013.